

Ambiente de amizade entre antigos inimigos no centro de formação militar de Nyanga

Séc. Ib. 23/8/93

Luis Carvalho e Bonifácio Macamo são dois jovens ex-militares da Renamo e do Governo que até Outubro de 1992 se combatiam mutuamente. Hoje comem, estudam e dormem juntos em Nyanga, no Zimbabué, preparando um futuro comum: as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM).

Antigo comandante sectorial do movimento de Afonso Dhlakama, Luís Carvalho nasceu há 30 anos em Maganja da Costa, província central da Zambézia, aderiu à Renamo em 1983, e afirma ter 'bom relacionamento' com todos os 'seus compatriotas'.

«O ambiente aqui é impressionante entre todos nós lá da terra (Moçambique)» — acrescentou Carvalho.

«Mesmo os instrutores zimbabueanos não nos discriminam e os britânicos nem digo» — disse — sor-

ridente, o homem que tirou a patente de 'coronel' da Renamo para envergar uniforme do Exército do Reino Unido no complexo militar de Nyanga.

Bonifácio Macamo, nascido há 38 anos em Chibuto, Gaza, sul de Moçambique, era major do Exército governamental antes de voltar à categoria de 'instruendo' no campo anglo-zimbabueano.

Macamo disse que participou em duas das 'três guerras' travadas pela Frelimo — luta pela independência, contra as investidas do Exército rodesiano e contra a Renamo — e frequentou 'muitos cursos militares', incluindo um de cinco anos na ex-República Soviética da Bielorrússia.

«Ficámos admirados quando ouvimos dizer que em Mappedo os políticos não se entedem, nós aqui damo-nos muito bem. Sozinho não poderia reconhecer quem pertencia à

Renamo» — gabou-se Macamo, rindo-se ruidosamente.

«Quando a guerra terminou, eu operava em Cuamba, na Província do Niassa, e por sinal é onde operava o meu irmão Carvalho», acrescentou Macamo, dando uma palmada nas costas do seu antigo rival e com quem mantém a ordem na caserna.

Carvalho e Macamo fazem parte dos 100 instrutores que desde passado dia 4 de Agosto estão submetidos, em Nyanga, a um intenso treino de formação dos instrutores que vão preparar as futuras Forças Armadas de Moçambique. O complexo foi visitado segunda-feira passada pelos chefes das delegações do Governo e da Renamo na Comissão Conjunta para a Formação das Forças Armadas de Defesa de Moçambique.

O comandante do Exército governamental e o chefe das Forças Armadas da Renamo, tenente-general Tobias Dhai e Mateus Ngonhamo, respectivamente, deslocaram-se a Nyanga para 'inspeccionar' o curso da formação dos futuros instrutores das FADM.

«Aqui trabalha-se muito e duro — nove horas de treino diárias» — referiu o oficial das Realções Públicas daquele campo, Char-

les Mail.

O tenente-coronel Manente (ex-Frelimo/Governo) e o capitão Joseph Combóio (ex-Renamo) que aguardavam Dhai e Ngonhamo na pista de aviação de Nyanga evitaram responder aos jornalistas a quase que 'proibem' referências às suas anteriores ligações partidárias.

O complexo militar de Nyanga, aberto em 1982, situa-se a 130 quilómetros da fronteira com Moçambique. O seu corpo de instrutores é constituído por britânicos e zimbabueanos e nele já foram formados 3.500 militares do mesmo País e de Moçambique.

A actual presença de instrutores dos dois ex-beligerantes moçambicanos integram-se num Acordo alcançado em Agosto de 1992 em Roma, na base do qual Portugal, Reino Unido e França se comprometeram a participar na formação das FADM.

Cinquenta militares provenientes das forças governamentais e outros tantos disponibilizados pela Renamo encontram-se na quarta semana de 'treino de adaptação'. Aguardam a chegada em finais de Agosto dos restantes 440 camaradas para o início de um curso de instrutores que vai durar 16 semanas.

O tenente-coronel Robert Martin, comandante do campo de Nyanga, esclareceu que os 100 instrutores estão em 'fase de adaptação e aproximação para transmitir confiança aos restantes 440 que são aguardados no 'Border Camp'.

Terminado o curso, os 540 oficiais regressarão a Moçambique prontos para treinar os batalhões da Infantaria das FADM.

Os cadetes de Nyanga que terminarem o respectivo curso com aproveitamento positivo serão qualificados para instruir nas especialidades de armamento, comunicações primeiros socorros, topografia, táctica, estratégia de campo e dirigir as carreiras de tiro tanto convencionais como na mata, utilizando munições reais.

Os jornalistas que visitaram Nyanga puderam presenciar sessões de treino de diversas especialidades, incluindo as de tiro ao alvo, na qual é utilizada a metralhadora de tipo 'PKM' de fabrico britânico.

Trinta instrutores de Londres e 213 militares zimbabueanos totalizam o corpo técnico administrativo e logístico do 'Border Camp', onde também são treinados oficiais do Exército do Zimbabué.